


**REPRESENTATIVIDADE LGBTQIAPN+ E AS INTERSECÇÕES ENTRE  
HISTÓRIA, FICÇÃO, LITERATURA E REALIDADE EM O PRIMEIRO BEIJO  
DE ROMEU DE FELIPE CABRAL**

**LGBTQIAPN+ REPRESENTATION AND THE INTERSECTIONS BETWEEN  
HISTORY, FICTION, LITERATURE AND REALITY IN ROMEU'S FIRST KISS  
BY FELIPE CABRAL**

**LA REPRESENTACIÓN LGBTQIAPN+ Y LAS INTERSECCIONES ENTRE  
HISTORIA, FICCIÓN, LITERATURA Y REALIDAD EN EL PRIMER BESO DE  
ROMEU DE FELIPE CABRAL**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n7-181>

**Data de submissão:** 14/06/2025

**Data de publicação:** 14/07/2025

**José Ariosvaldo Alixandrino**

Doutorando em Letras - Literatura e Crítica Literária

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO)

E-mail: jose.alixandrino@putlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7985272725906696>

---

**RESUMO**

Este artigo analisa as relações entre história, memória, ficção, realidade e literatura na obra O Primeiro Beijo de Romeu, de Felipe Cabral, com foco na representatividade LGBTQIAPN+ e na desconstrução da cisheteronormatividade. Fundamentado nas teorias de Michel de Certeau (2017), Jacques Le Goff (2016) e Ivan Jablonka (2020), o estudo investiga como o autor ressignifica eventos históricos reais, como a censura na Bienal do Livro de 2019, para construir uma narrativa que questiona normas sociais conservadoras cisneteronormativas e promover a diversidade. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, são explorados temas como memória coletiva, ficção como espaço de resistência e a afirmação de identidades em desacordo com a cisheteronormatividade. Os resultados revelam que a obra transcende o entretenimento ao propor uma crítica contundente à exclusão e invisibilidade de sujeitos LGBTQIAPN+, promovendo reflexões sobre liberdade de expressão, identidade e cultura. O Primeiro Beijo de Romeu destaca-se como uma narrativa transformadora, que tensiona estruturas opressoras e celebra a pluralidade de experiências e formas de existir.

**Palavras-chave:** Cisheteronormatividade. História. Literatura. LGBTQIAPN+. Resistência.

**ABSTRACT**

This article analyzes the relationships between history, memory, fiction, reality, and literature in Felipe Cabral's work Romeu's First Kiss, focusing on LGBTQIAPN+ representation and the deconstruction of cis-heteronormativity. Based on the theories of Michel de Certeau (2017), Jacques Le Goff (2016), and Ivan Jablonka (2020), the study investigates how the author resignifies real historical events, such as censorship at the 2019 Book Biennial, to construct a narrative that questions conservative cis-heteronormative social norms and promotes diversity. Through bibliographic research, themes such as collective memory, fiction as a space of resistance, and the affirmation of identities that disagree with cis-heteronormativity are explored. The results reveal that the work transcends entertainment by

proposing a strong critique of the exclusion and invisibility of LGBTQIAPN+ subjects, promoting reflections on freedom of expression, identity, and culture. Romeo's First Kiss stands out as a transformative narrative that challenges oppressive structures and celebrates the plurality of experiences and ways of existing.

**Keywords:** Cisheteronormativity. History. Literature. LGBTQIAPN+. Resistance.

## RESUMEN

Este artículo analiza las relaciones entre historia, memoria, ficción, realidad y literatura en la obra de Felipe Cabral "El primer beso de Romeu", centrándose en la representación LGBTQIAPN+ y la deconstrucción de la cisheteronormatividad. Basándose en las teorías de Michel de Certeau (2017), Jacques Le Goff (2016) e Ivan Jablonka (2020), el estudio investiga cómo el autor replantea hechos históricos reales, como la censura en la Bienal del Libro de 2019, para construir una narrativa que cuestiona las normas sociales cisheteronormativas conservadoras y promueve la diversidad. A través de la investigación bibliográfica, se exploran temas como la memoria colectiva, la ficción como espacio de resistencia y la afirmación de identidades en conflicto con la cisheteronormatividad. Los resultados revelan que la obra trasciende el entretenimiento al proponer una crítica contundente a la exclusión e invisibilidad de las personas LGBTQIAPN+, promoviendo reflexiones sobre la libertad de expresión, la identidad y la cultura. El Primer Beso de Romeo destaca como una narrativa transformadora que desafía las estructuras opresivas y celebra la pluralidad de experiencias y formas de existencia.

**Palabras clave:** Cisheteronormatividad. Historia. Literatura. LGBTQIAPN+. Resistencia.

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste estudo surgiu a partir da crescente discussão sobre representatividade e problematização das normas sociais cisconservadoras na literatura contemporânea brasileira. A obra *O Primeiro Beijo de Romeu*, de Felipe Cabral, destaca-se como um marco importante nesse cenário, ao abordar questões como visibilidade, representatividade LGBTQIAPN+ e a cisheteronormatividade, utilizando a ficção como espaço de resistência e transformação cultural. Esse interesse reflete também, uma necessidade premente de abordar, como a literatura pode atuar como ferramenta de transformação social, promovendo novas perspectivas sobre a pluralidade de identidades e formas de existência.

Discutir essa temática torna-se especialmente relevante no contexto atual, em que a sociedade brasileira enfrenta desafios significativos relacionados à liberdade de expressão, diversidade e inclusão. Eventos como a censura na Bienal do Livro de 2019 evidenciam a persistência de tensões entre tradições conservadoras e esforços progressistas de mudança, reafirmando a importância de narrativas que promovam reflexão crítica e inclusão. Além disso, esses episódios não apenas ilustram conflitos políticos e culturais, mas também revelam a necessidade de questionar estruturas que perpetuam a invisibilidade e exclusão de vozes não cisheteronormativas.

Esse estudo tem como objetivo, analisar as relações entre história, memória, ficção, realidade e literatura na obra *O Primeiro Beijo de Romeu*, considerando o contexto histórico em que foi produzida e as contribuições teóricas de Certeau, Le Goff e Jablonka. Assim, busca-se compreender como a narrativa literária pode transcender o entretenimento para se tornar um espaço de resistência e transformação identitária LGBTQIAPN+. Este objetivo reflete a intenção de evidenciar o papel da literatura como mediadora entre o passado e o presente, conectando experiências individuais a contextos sociopolíticos mais amplos.

Para realizar este estudo, adotou-se a metodologia bibliográfica, com análise fundamentada nas teorias de Michel de Certeau, Jacques Le Goff e Ivan Jablonka. Essas abordagens teóricas permitiram investigar as relações entre história, memória, ficção, realidade e literatura na obra de Cabral, evidenciando como esses elementos se interseccionam para produzir uma crítica contundente às normas sociais conservadoras. A escolha dessa abordagem não só possibilita a análise aprofundada dos elementos literários, mas também permite conectar o contexto histórico e social à construção narrativa.

O texto está estruturado em quatro partes principais. Na primeira, discute os conceitos de história, memória e ficção à luz das teorias selecionadas. Na segunda, aborda os eventos históricos e sociais que influenciaram a produção da obra. A terceira parte dedica à análise dos elementos literários

da narrativa, enquanto a última seção, problematiza os impactos e as implicações sociais da obra. Essa estruturação do texto busca oferecer ao leitor uma visão abrangente e fundamentada sobre o tema, alinhando teoria e prática na análise literária, de forma a enriquecer o debate sobre representatividade e resistência LGBTQIAPN+ na literatura contemporânea.

## **2 ABORDAGENS TEÓRICAS INTERSECCIONAIS À OBRA “O PRIMEIRO BEIJO DE ROMEU”**

### **2.1 O CARÁTER INTERDISCIPLINAR DE MICHEL DE CERTEAU**

Michel de Certeau caracteriza-se por seu enfoque interdisciplinar, desafiando concepções tradicionais ao abordar a história não apenas como um relato factual, mas como uma construção narrativa. A partir de suas obras, evidencia-se a crítica à universalização da história promovida por ideologias iluministas, destacando a resistência encontrada nas práticas locais e táticas cotidianas. Sua visão pós-estruturalista rejeita bases epistemológicas absolutas, afirmando que as práticas sociais e a produção do saber estão intrinsecamente ligadas às relações de poder que permeiam a constituição do conhecimento histórico (Faria; Silva, 2017).

O conceito de operação historiográfica, segundo Certeau (2017), sublinha o papel do historiador enquanto sujeito que interpreta os vestígios do passado e os transforma em narrativas que dão sentido ao real. Ele propõe que o ato de escrever história envolve a interação entre as dimensões do real como prática vivida e a sua transformação em discurso. Para ele,

a história está, pois, em jogo nessas fronteiras que articulam uma sociedade com o seu passado e o ato de distinguir-se dele; nessas linhas que traçam a imagem de uma atualidade, demarcando-a de seu outro, mas que atenua ou modifica, continuamente, o retorno do “passado”. (CERTEAU, 2017, p. 29).

Esse processo, que integra distanciamento epistemológico e proximidade interpretativa, revela que a história é contemporânea ao tempo de sua escrita, sendo sempre um reflexo das condições culturais e sociais presentes (ORIANI, 2017). Assim, mesmo ela sendo contemporânea ao tempo de escrita, ela está sempre em jogo, modifica, recria. A história não é narrativa de ficção, mas ela é discursiva, ela pode omitir fatos, enfatizar ideologias. Apesar, dela buscar fontes e documentos objetivos, reais, nela contem subjetividade.

Nessa perspectiva certauniana, a relação entre história e narrativa histórica destaca-se pela abordagem que entrelaçam as subjetividades. Para o autor, a história não é apenas uma representação do passado, mas um espaço de articulação entre vozes e temporalidades distintas. Os discursos presentes nas narrativas precisam ser observados, problematizados, questionados. O documento

histórico deve ser visto assim, pois, nele, pode existir incompatibilidade, incompreensão. Ele enfatiza que o historiador deve reconhecer os limites da objetividade e utilizar a narrativa como ferramenta para construir significados múltiplos, respeitando a alteridade das fontes e práticas que estuda (MIRANDA JUNIOR, 2017).

Portanto, Michel de Certeau redefine o fazer histórico ao enfatizar que a narrativa não é apenas um veículo de transmissão do passado, mas parte integrante do próprio processo histórico. Ele afirma que o historiador opera em um espaço de tensões entre memória e narrativa, construindo interpretações que dialogam com as práticas sociais e culturais do presente. Assim, a história surge como um campo em constante movimento, onde o entendimento do passado está sempre vinculado às condições e demandas do presente (FARIA; SILVA, 2017).

## 2.2 MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA EM JACQUES LE GOFF

Jacques Le Goff é reconhecido por sua visão inovadora na historiografia, especialmente ao destacar a relação entre memória coletiva e história. Ele compreende a memória coletiva como um fenômeno dinâmico, onde diferentes grupos sociais constroem e preservam narrativas compartilhadas que moldam sua identidade. Para Le Goff, a memória não é apenas um repositório passivo do passado, mas um campo de disputa e negociação, no qual valores, crenças e visões de mundo são continuamente reinterpretados e transmitidos, conferindo à história um caráter intrinsecamente subjetivo (COSTA; NASCIMENTO, 2021).

A análise de Le Goff sobre a subjetividade da memória coletiva enfatiza sua interseção com o poder e a cultura. Ele observa que as elites frequentemente utilizam a memória para moldar a narrativa histórica de acordo com seus interesses, transformando documentos em monumentos que legitimam determinadas visões hegemônicas. Essa perspectiva desafia a concepção linear e objetiva da história, ressaltando o papel das relações sociais e culturais na construção do passado como narrativa (BERLIOZ; BEAULIEU, 2016).

Outro aspecto central na obra de Le Goff é a ideia de que a memória coletiva está profundamente enraizada nas práticas culturais e simbólicas de uma sociedade. Ele argumenta que o acesso ao passado é mediado por representações que combinam elementos da tradição oral, da literatura e das práticas religiosas. Essas representações, ao mesmo tempo que preservam aspectos da identidade coletiva, também carregam as marcas de tensões sociais e transformações históricas, reforçando a complexidade do ato historiográfico (ANDRADE, 2017).

Portanto, Jacques Le Goff redefine a relação entre memória e história ao destacar a subjetividade inerente ao processo de construção histórica. Para ele, a memória coletiva é tanto um

recurso para a reconstrução do passado quanto uma expressão dos valores e conflitos de seu tempo. Esse entendimento contribui para uma historiografia mais reflexiva, que reconhece a pluralidade de vozes e interpretações, proporcionando uma visão mais rica das sociedades (COSTA; NASCIMENTO, 2021).

### 2.3 A INTERSECÇÃO NARRATIVA ENTRE CULTURA E MORALIDADE EM IVAN JABLONKA

Ivan Jablonka propõe uma abordagem inovadora que ressignifica a relação entre história e literatura, enfatizando sua interseção como formas narrativas que moldam a cultura e a moralidade. Ele argumenta que ambas compartilham um compromisso com a interpretação do real, permitindo a construção de significados profundos sobre o passado e o presente. Para Jablonka, a história não deve se restringir a uma prática objetiva e documental, mas abraçar a subjetividade inerente ao ato narrativo, utilizando recursos estilísticos e literários como ferramentas para tornar as experiências humanas compreensíveis e tangíveis (JABLONKA, 2020).

De acordo com Jablonka, o conceito de "literatura do real" descreve a história como uma ciência narrativa, em que o rigor metodológico se alinha à sensibilidade literária. Essa visão sugere que o historiador, ao construir narrativas, não apenas documenta fatos, mas também os interpreta e contextualiza, produzindo relatos que dialogam com as emoções e as experiências dos leitores. Nesse sentido, a literatura se torna uma parceira essencial da história, ajudando a iluminar os aspectos intangíveis da experiência humana e a proporcionar uma compreensão mais rica das relações sociais e culturais (DEL PRIORE, 2020).

A noção de "segunda subjetividade", defendida por Jablonka, reflete a importância do reconhecimento do "eu" do historiador no processo de escrita. Ele argumenta que a transparência sobre as influências pessoais e sociais que moldam a interpretação histórica não apenas enriquece o trabalho, mas também amplia sua relevância cultural e moral. Essa autorreflexão permite ao historiador posicionar-se como parte integrante do processo narrativo, ampliando o alcance da história para além do público acadêmico, promovendo um diálogo mais amplo com a sociedade (SILVA, 2020).

Jablonka redefine a prática historiográfica ao propor a integração de métodos científicos e artísticos para construir narrativas que transcendam a mera factualidade. Ele posiciona a história como um campo híbrido, quando a precisão documental e a imaginação literária coexistem, ampliando a capacidade da narrativa histórica de influenciar a cultura e a moralidade. Essa abordagem sublinha a relevância contemporânea da história como uma ciência humana que, ao mesmo tempo, informa, interpreta e transforma a sociedade (JABLONKA, 2020).

### 3 O CONTEXTO HISTÓRICO DE 2019 E A REPRESENTAÇÃO NA OBRA

O ano de 2019 no Brasil foi marcado por intensos embates ideológicos e retrocessos sociais significativos, refletindo um cenário de polarização política e recrudescimento de discursos conservadores. Sob a liderança do presidente Jair Bolsonaro, o governo priorizou valores ligados a uma moralidade tradicionalista, enfaticamente cisheteronormativa, promovendo políticas que desvalorizavam a diversidade cultural e os direitos de minorias. Esse contexto permeou todos os aspectos da sociedade brasileira, especialmente os espaços culturais, como a Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Nesse evento, o então prefeito Marcelo Crivella tentou censurar uma HQ que apresentava um beijo entre dois homens, alegando que seu conteúdo era inadequado para crianças. A censura foi amplamente criticada como um ato antidemocrático, um ataque à liberdade de expressão e uma tentativa de apagar representações LGBTQIAPN+ da esfera pública (CABRAL, 2021).

Na obra *O Primeiro Beijo de Romeu*, Felipe Cabral transpõe esse contexto para a ficção, criando uma narrativa que reflete e tensiona os acontecimentos históricos. A tentativa de censura na Bienal é representada na obra como uma trama central que conecta a realidade política do Brasil de 2019 com as experiências pessoais dos personagens. A narrativa não apenas recria o episódio, mas o recontextualiza para ampliar sua crítica social, abordando o impacto da censura sobre indivíduos e comunidades. O prefeito fictício, que censura o livro do pai de um dos personagens, torna-se uma figura emblemática do autoritarismo que marcou aquele período histórico, reforçando o diálogo entre ficção e realidade (CABRAL, 2021).

A censura, na narrativa de Cabral (2021), é explorada como uma ferramenta de controle social e exclusão, evidenciando as implicações mais amplas do autoritarismo político. Assim como na realidade, o ato de censurar vai além da supressão de conteúdos; ele simboliza uma tentativa de limitar a liberdade criativa e de expressão de identidades dissidentes. Cabral utiliza a censura como um catalisador para discutir questões profundas, como a importância da memória histórica, o papel das narrativas LGBTQIAPN+ na construção de uma sociedade plural e a resistência contradiscursos de ódio. A literatura, nesse contexto, aparece como um espaço de luta, momento em que as histórias invisibilizadas encontram uma voz poderosa.

Ao mesmo tempo, a obra reflete sobre a instrumentalização política da LGBTfobia como estratégia de consolidação de poder. Esse ponto é explicitado quando os personagens debatem como a homotransfobia se tornou uma pauta política, com candidatos usando o preconceito como plataforma para se elegerem. Cabral articula essas discussões dentro de um ambiente escolar conservador, expondo como a intolerância se manifesta desde a base social até as estruturas de poder. O protagonista Romeu, ao enfrentar preconceitos e violência, simboliza a luta cotidiana de jovens LGBTQIAPN+ em



um ambiente que reforça normas opressoras. Essa dinâmica espelha os desafios reais vividos por indivíduos marginalizados em um Brasil polarizado (CABRAL, 2021).

Por fim, a narrativa de *O Primeiro Beijo de Romeu* celebra a resistência e a resiliência como respostas aos ataques sofridos. Assim como na Bienal real, onde ações de solidariedade e protesto apareceram contra a censura, a obra exalta a força da comunidade LGBTQIAPN+ e seus aliados na luta pela visibilidade e pela aceitação. Momentos de celebração, como os beijos públicos na Bienal fictícia, são apresentados como atos revolucionários, capazes de subverter o controle autoritário e afirmar a diversidade. Ao incorporar essas nuances, Felipe Cabral não apenas conecta história, memória e ficção, mas também transforma sua narrativa em uma poderosa crítica à sociedade brasileira, mostrando como a arte pode se tornar um instrumento de resistência e transformação (CABRAL, 2021).

A obra *O Primeiro Beijo de Romeu*, de Felipe Cabral, apresenta uma narrativa rica, que combina elementos históricos, memoriais e ficcionais para construir um retrato crítico da sociedade brasileira contemporânea. Situada em 2019, a obra dialoga com eventos históricos reais, como a censura na Bienal do Livro, enquanto reflete sobre questões de identidade, gênero e representatividade LGBTQIAPN+. Esses elementos não apenas contextualizam a obra, mas também destacam seu papel como ferramenta de resistência e reflexão social. Para aprofundar essas dimensões, a análise da obra é estruturada em quatro eixos principais: história e realidade; memória; ficção e literatura; gênero e identidade, com o objetivo de demonstrar como a literatura pode atuar como um espaço de ressignificação e transformação cultural.

### 3.1 HISTÓRIA E REALIDADE

A narrativa de *O Primeiro Beijo de Romeu* parte de um evento histórico real – a censura promovida pelo então prefeito Marcelo Crivella durante a Bienal do Livro de 2019 – para construir um cenário ficcional que reflete tensões políticas e sociais contemporâneas. Felipe Cabral explora a intersecção entre história e realidade ao recriar esse episódio em sua trama, destacando como atos de censura são mais do que ataques pontuais à liberdade de expressão. A obra contextualiza esse fato como uma manifestação de um contexto político mais amplo, marcado por discursos conservadores e pela marginalização de sujeitos minorizados socialmente, especialmente LGBTQIAPN+. Assim, a censura ao livro do pai de um dos personagens simboliza os desafios enfrentados por artistas e autores que promovem narrativas em desacordo com a cisheteronormatividade em um Brasil polarizado (CABRAL, 2021).

Além disso, a história utiliza o ambiente escolar como um microcosmo da sociedade, revelando



como a realidade política afeta diretamente a vida cotidiana dos indivíduos. A exposição de Romeu em um contexto de preconceito e hostilidade em sua escola espelha os desafios vividos por jovens LGBTQIAPN+ em uma sociedade que reforça normas opressoras. Ao fazer isso, Cabral conecta a narrativa pessoal dos personagens à realidade histórica, ilustrando como eventos macrossociais se refletem nas experiências individuais. Essa abordagem evidencia que, na obra, a história não é apenas pano de fundo, mas um elemento ativo na construção das tensões narrativas (CABRAL, 2021).

### **3.1.1 Memória, ficção e literatura**

A obra também dialoga com o conceito de memória, utilizando-a como um instrumento de resistência e de construção de identidades. Jacques Le Goff define a memória como um fenômeno seletivo e coletivo, e Cabral emprega esse conceito ao destacar como os personagens resgatam e reinterpretam suas histórias pessoais e coletivas. O protagonista Romeu, ao confrontar situações de LGBTfobia e preconceito, conecta sua experiência ao legado de lutas anteriores, como a criminalização da homotransfobia em 2019 e eventos históricos marcantes para a comunidade LGBTQIA+, incluindo a Revolta de Stonewall. Essa perspectiva permite ao leitor compreender que as batalhas atuais não são isoladas, mas parte de uma trajetória histórica contínua (CABRAL, 2021).

Além disso, a memória familiar desempenha um papel importante na obra, oferecendo ao protagonista um sentido de pertencimento e força. Romeu resgata as histórias de seus avós e do pai, associando essas memórias a um processo de autodescoberta e de afirmação identitária. Ao fazer isso, Cabral reforça a importância de preservar e revisitar narrativas que frequentemente são apagadas ou marginalizadas. A literatura, nesse sentido, aparece como um meio de manter vivas essas memórias e de conectar o presente ao passado, mostrando que a luta por direitos e visibilidade é sustentada pela lembrança das conquistas e desafios enfrentados por gerações anteriores (CABRAL, 2021).

Felipe Cabral constrói sua narrativa utilizando a ficção como um recurso potente para criticar a realidade e propor novos olhares sobre múltiplas questões sociais. De acordo com Ivan Jablonka, a literatura transcende a mera criação artística, sendo também uma forma de discurso histórico e cultural. Essa perspectiva está evidente em *O Primeiro Beijo de Romeu*, onde Cabral mescla fatos históricos reais, como a censura na Bienal do Livro, com elementos fictícios que ampliam a compreensão dos desafios enfrentados por jovens LGBTQIAPN+ no Brasil. A obra não se limita a descrever uma realidade, mas a reconfigura para destacar as tensões e contradições que permeiam a sociedade (CABRAL, 2021).

A ficção permite ao autor explorar camadas emocionais e subjetivas que os registros históricos, por vezes, não alcançam. Por meio de Romeu e outros personagens, o leitor se aproxima das

complexidades de viver em um ambiente hostil à diversidade, enquanto acompanha momentos de coragem, resistência e celebração.

[...] \_ Só que agora não é ficção, é realidade. \_ Eva lamentou.  
E que choque de realidade estávamos tendo.  
Samuca e Eva tinha razão, nós tínhamos de ser práticos. Por mais que eu quisesse ir até a casa do Prefeito gritar umas verdades em sua cara, não era hora de perder o controle, sair da linha. Se bobear, o Prefeito até contava com o nosso descontrole, esperava pelo nosso destempero! (CABRAL, 2022, p. 96).

Esse trecho da obra de Cabral, entrelaça as relações entre memória, história, literatura, ficção, realidade. As (os) personagens citam e lembram de um fato histórico real, trazem para a obra e discutem ele como irreal e argumentam que o que estão vivendo ali no contexto do romance que é realidade e não ficção. A literatura, nesse sentido, atua como um espaço de articulação entre história e imaginação, ficção, oferecendo novas possibilidades narrativas para questões como preconceito, liberdade de expressão e identidade, representatividade. Cabral demonstra que a ficção não apenas reflete a realidade, mas pode atuar como um agente de transformação social (CABRAL, 2021).

### 3.1.2 Gênero e identidade em *O Primeiro Beijo de Romeu*

A desconstrução de normas de gênero e a afirmação de identidades LGBTQIAPN+ são pilares centrais em *O Primeiro Beijo de Romeu*. A obra reflete o conceito de performatividade de gênero de Judith Butler (2013; 2021), demonstrando como as identidades são construídas socialmente e podem ser desafiadas por meio da vivência e da expressão pessoal. A identidade de gênero não deve ser vista como algo estável, único, binário, mas como resultado de atos performativos múltiplos e repetidos ao longo do tempo (BUTLER, 2013). Romeu, ao se assumir e viver seu primeiro amor, questiona os estereótipos de masculinidade impostos pela sociedade e pela escola conservadora em que estuda. A narrativa expõe como a identidade de gênero e a orientação sexual são campos de resistência frente à cisheteronormatividade, utilizando o romance de Romeu e outros (as) personagens da obra como exemplos de transgressão e coragem, além da performance de gênero cisheteropatriarcal colonial tradicional (CABRAL, 2021).

Além disso, a obra aborda a importância de representações positivas e diversas na literatura. Romeu e os outros personagens LGBTQIAPN+ não são retratados apenas como vítimas de preconceito, mas como indivíduos com histórias ricas e complexas, capazes de inspirar empatia e identificação. Cabral destaca que a ausência de representações inclusivas na cultura popular não é apenas um reflexo, mas também um reforço, de uma sociedade desigual. Ao propor novos modelos de representação, a obra contribui para a construção de uma visão mais plural e afirmativa das

identidades de gênero e orientação sexual, celebrando a diversidade e desafiando as normas impostas (CABRAL, 2021).

#### **4 DISCUSSÃO E INTERSECÇÕES ENTRE HISTÓRIA, LITERATURA, MEMÓRIA E REALIDADE**

A obra *O Primeiro Beijo de Romeu* aborda a censura na Bienal do Livro de 2019, inserindo eventos históricos reais em uma narrativa ficcional que ressignifica o episódio sob uma lente crítica. Michel de Certeau (2017) contribui para a análise ao conceituar a história como uma construção narrativa permeada por relações de poder. Nesse contexto, a tentativa de censura é transformada em narrativa literária que subverte práticas de controle social. Jacques Le Goff (2016), com sua visão da memória coletiva como campo de disputa, permite compreender como Cabral articula a censura como um marco histórico que carrega o peso das lutas culturais e políticas do Brasil contemporâneo. Por outro lado, Ivan Jablonka (2020) reforça que a literatura, ao incorporar eventos reais, transcende a arte e se torna uma forma de historiografia, permitindo que *O Primeiro Beijo de Romeu* transforme a censura em uma narrativa que tensiona o autoritarismo e promove reflexões sobre identidade e resistência.

A memória coletiva e individual é um eixo central da narrativa de Felipe Cabral, alinhando-se às ideias de Jacques Le Goff (2016). O autor utiliza a memória dos personagens para conectar suas experiências pessoais às lutas históricas da comunidade LGBTQIAPN+, como a Revolta de Stonewall e a criminalização da homotransfobia em 2019. Essas conexões, segundo Le Goff, evidenciam a memória como um fenômeno dinâmico que molda identidades e dialoga com disputas sociais. Michel de Certeau (2017) enriquece essa análise ao propor que a memória é parte da operação historiográfica, onde os vestígios do passado são transformados em narrativas que dialogam com o presente. Já Ivan Jablonka (2020) aponta que a subjetividade do narrador na literatura confere profundidade às histórias pessoais, ampliando a compreensão das experiências humanas. Assim, Cabral faz da memória uma ferramenta para resistir à opressão e afirmar identidades dissidentes, conectando passado e presente.

Felipe Cabral utiliza elementos literários para questionar normas sociais e ideológicas, alinhando-se à perspectiva de Ivan Jablonka (2020), que vê a literatura como uma prática historiográfica capaz de articular questões éticas e culturais. Em *O Primeiro Beijo de Romeu*, a narrativa transcende o entretenimento ao desafiar a cisheteronormatividade e criticar estruturas conservadoras, como a escola tradicional que reprime a diversidade. Jacques Le Goff (2016) contribui ao destacar como a memória coletiva pode ser moldada por narrativas literárias que reconstróem identidades e promovem transformações sociais. Michel de Certeau (2017) complementa ao discutir

como a história e a literatura operam na interseção entre práticas cotidianas e discurso oficial, mostrando que a ficção de Cabral é um espaço de resistência contra as normas ideológicas hegemônicas, ressignificando a opressão como um campo de luta.

As interações entre ficção e realidade em *O Primeiro Beijo de Romeu* refletem criticamente a sociedade brasileira contemporânea, articulando as ideias de Michel de Certeau (2017). A ficção se torna uma ferramenta para explorar práticas sociais e resistir à hegemonia cultural, enquanto a narrativa conecta eventos históricos, como a censura na Bienal, à vivência dos personagens LGBTQIAPN+. Jacques Le Goff (2016) destaca que essas representações funcionam como uma reconstrução da memória coletiva, ao mesmo tempo em que desafiam versões hegemônicas da história. Ivan Jablonka (2020) reforça a ideia de que a literatura pode iluminar os aspectos subjetivos da experiência humana, proporcionando uma leitura mais ampla e ética da realidade. Cabral cria um espaço narrativo onde a ficção e a história dialogam, ampliando a crítica social e oferecendo possibilidades de resistência e transformação.

A análise de *O Primeiro Beijo de Romeu*, à luz das teorias de Michel de Certeau (2017), Jacques Le Goff (2016) e Ivan Jablonka (2020), revela como história, memória, ficção, realidade e literatura interagem na obra para abordar questões sociais e culturais contemporâneas. Certeau permite compreender como a narrativa transforma eventos históricos em discursos críticos que questionam o poder e ampliam as vozes marginalizadas. Le Goff destaca a memória coletiva e individual como pilares para a construção de identidades que resistem à opressão. Jablonka posiciona a literatura como um espaço híbrido entre arte e história, capaz de promover reflexões éticas e culturais. Assim, *O Primeiro Beijo de Romeu* não apenas recria o passado, mas o ressignifica, estabelecendo um diálogo transformador entre as dimensões histórica, literária e social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar as relações entre história, memória, ficção, realidade e literatura na obra *O Primeiro Beijo de Romeu*, de Felipe Cabral, utilizando como base as contribuições teóricas de Michel de Certeau, Jacques Le Goff e Ivan Jablonka. A pesquisa revelou que a obra transcende o entretenimento ao propor reflexões críticas sobre a sociedade brasileira contemporânea, especialmente no que se refere à censura, à representatividade LGBTQIAPN+ e à resistência frente a normas conservadoras.

A narrativa de Cabral se destacou por sua capacidade de articular eventos históricos reais, como a censura na Bienal do Livro de 2019, com elementos ficcionais que amplificam as tensões sociais e culturais do Brasil. Através da obra, ficou evidente como a literatura pode atuar como um

espaço híbrido onde a memória e a história se entrelaçam para promover novas perspectivas sobre questões identitárias e sociais. Essa abordagem reforça a importância de narrativas literárias como instrumentos de transformação cultural e política.

A pesquisa também demonstrou que, ao ressignificar a censura como um marco histórico e cultural, a obra de Cabral contribui para a preservação da memória coletiva, promovendo discussões sobre a visibilidade e a afirmação de identidades dissidentes. A construção literária do autor permite ao leitor vivenciar os desafios e conquistas da comunidade LGBTQIAPN+ em um Brasil polarizado, ao mesmo tempo em que inspira empatia e engajamento com a diversidade.

Além disso, o trabalho destacou a relevância da interseção entre história e ficção, evidenciando como a literatura pode iluminar aspectos subjetivos da experiência humana que os registros históricos, por vezes, não alcançam. Nesse sentido, a obra reafirma a necessidade de promover narrativas que questionem normas impostas e celebrem a pluralidade de vozes e vivências.

Conclui-se que *O Primeiro Beijo de Romeu* é uma obra essencial para compreender as dinâmicas sociais e políticas contemporâneas, ao mesmo tempo em que amplia o potencial da literatura como espaço de resistência e transformação. Este estudo reforça a importância de novos olhares sobre a produção literária brasileira, especialmente aquelas que, como a de Felipe Cabral, promovem o diálogo entre história, memória e ficção de forma inovadora e crítica.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. C. N. **A memória coletiva como instauradora do processo identitário em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2017.
- BERLIOZ, J.; BEAULIEU, M. A. P. de. **Jacques Le Goff e as narrativas exemplares medievais: as balizas de um percurso**. *Brathair*, v. 16, n. 2, p. 44-50, 2016.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Unesp, 2021.
- CABRAL, F. **O primeiro beijo de Romeu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Galera, 2021.
- CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- COSTA, A. M. F. da; NASCIMENTO, J. M. do. **Documento/monumento: reflexões tecidas a partir das ideias de Michel Foucault e Jacques Le Goff para a educação profissional**. *Revista Revasf*, v. 11, n. 25, p. 475-495, 2021.
- DEL PRIORE, M. **Romance histórico & romance na história: entrevistas**. *Passages de Paris*, n. 20, 2020. Disponível em: <[www.apebfr.org/passagesdeparis](http://www.apebfr.org/passagesdeparis)>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- FARIA, A. M.; SILVA, A. R. L. da. **Estudos organizacionais baseados em Michel de Certeau: a produção internacional entre 2006 e 2015**. *Revista Alcance*, Itajaí, v. 24, n. 2, p. 209-226, abr./jun. 2017.
- JABLONKA, I. **A história é uma literatura contemporânea: manifesto pelas ciências sociais**. Tradução de Horacio Pons. Brasília: Fondo de Cultura Económica, 2020.
- LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente medieval**. Tradução de Monica Stahel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- MIRANDA JUNIOR, R. F. de. **Estratégias do tempo e discurso narrativo: relações entre história e psicanálise em Michel de Certeau**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- ORIANI, A. P. **Primeiros rascunhos: aproximações entre Michel de Certeau e a história do tempo presente**. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 22, p. 316-338, set./dez. 2017.
- SILVA, E. A. da. **Um livro-catedral: história e literatura sob a ótica de Ivan Jablonka**. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 22, n. 41, p. 240-246, jul./dez. 2020.